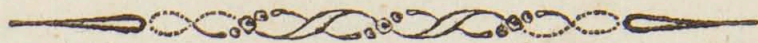




J E R E M I A D A S
O U
P R A N T O S
PELOS REVEZES DE LYSIA.



POEMA ELEGIACO EM CANTOS IV.
COMPOSTO, E OFFERECIDO
A SUA MAGESTADE FIDELISSIMA
A RAINHA

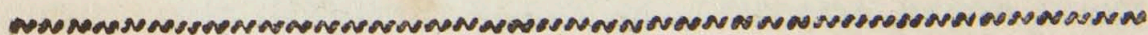
D O N A M A R I A I I.

P O R
VICENTE PEDRO NOLASCO.



*Plorans ploravit in nocte, et lacrymæ ejus in
maxillis ejus.*

Jeremias Cap. 1.^o



LISBOA: 1834. NA TYP. DE JOSE' BAPTISTA MORANDO,
Com Licença.

ALFONSO DE ALBUQUERQUE

PRIMEIRO

DELOS REINADOS DE LEON

—

BOYNA FERNANDEZ DE ALBUQUERQUE

CONDESSA DE BARRAL

A SUA MAJESTADE O REI

A RAZÃO

DOYA MARIA II

FOR

VICENTE PEDRO BORGES

—

—

—

—

—

—

—

—

SENHORA.

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

AS Lagrimas, que se derramão pela humanidade gemente, o espectáculo, que offerece huma nação brionca em ruinas, longe de produzir o desalento nos corações sensiveis, augmentão pelo contrario a coragem da Virtude. Que pae, a quem doe o desastre d'hum filho, não busca remedia-lo podendo? Que patriota vê com olhos enxutos a desolação do seu paiz, e soffre tranquillo o aviltamento de seos ferros? Taes são, Soberana Senhora, os sentimentos, e as lagrimas, que levo á Presença de VOSSA Magestade. — A Providencia, que designou VOSSA Magestade para presedir hum dia aos destinos de Portugal, quando a trouxe incolume por meio de tantas difficuldades, e em tão tenros annos ao Throno de seos Maiores, quiz mostrar a esta Nação, victima da Tyrannia, e dos horrores da Guerra civil, o Anjo consolador, que deve restaura-la, e enxugar-lhe o pranto; estendendo-lhe

a Mão bemfeitora, que anima, e deve sempre animar o exemplo das Virtudes paternaes, e do seu sublime Heroismo. — Com devoção portanto, e profundo acatamento offereço, dedico, e consagro a VOSSA MAGESTADE as presentes linhas, que recordando a historia de nossos males, fação ver em todo tempo, que os desastres procedidos da Ignorancia, só podem reparar-se pela cultura efficaz do saber, que tem por base o amor da Verdade.

Digne-se pois VOSSA MAGESTADE acceitar nesta offerta, a sincera, e respeitosa hommenagem de quem presa a gloria de ser contado entre os fieis, e mais affeioados subditos de

DE VOSSA MAGESTADE

Vicente Pedro Nolasco.



J E R E M I A D A

OU

P R A N T O I.

*Egreffus est a filia Sion
omnis decor ejus.*

Jeremias Cap. 1.º



§

Ai de ti, povo infausto, e miserando!
Desgraçado Israel! = Clamava outrora
Propheta, que chorando
Com voz desoladora

Da Patria os males, que inspirado via,
Aos ais, e ao pranto os corações movia.

§

Teu vate assim gemendo ergue hoje o brado,
Triste Lysia, ai de ti! = De raiva acceso
Quer dar-te acerbo Fado

Desastre de mais peso,
E quer, que te prepare o fatal córte
Com rude, e novo ensaio a mão da morte.

§

Que espectáculo! ai triste! = E quam mudada
Estás da que já foste! quando a aurora
Te surria aljofrada
Com face encantadora!
Quando mais bello, que o gentil Oriente
Te adornava de lustres o Occidente!

§

Teos aureos dias, oh pesar! se forão,
Quaes nevoas da manhã, que o sol disperge.
Tuas faces descorão;
Teos labios não asperge
Aquelle orvalho, que o vigor nutria,
E em teu semblante placido luzia.

§

Em sordida nudez, torpe esqueleto
Vai marasmado o corpo teu cahindo.
Com furibundo aspecto
Dragão do abismo vindo
De teos males tornando o horror mais feio
D'atros venenos inquinou teu seio.

§

A infausta sede de ouro, a da Cubiça
Tães brios infectando exercitados
Foi o Drago, que eriça
Com pellos levantados
Hoje da cauda atroz o açoite immundo,
Que a nação desolando assombra o mundo.

§

Mas como poudes, oh Lysia, em teu regaço
Nutrir-se o monstro insano, e desabrido?

Não foi teu vate escasso

Em ter-te repetido

A causa d'esse mal, que assim te fere,

E que a Dor em seu pranto inda profere.

§

Des do dia fatal (recorda, arreiga
Na mente bem tal época funesta,)

Em que acolheste meiga

Da hypocresia infesta

A filha atroz, — a Inquisição tremenda,

Data dos males teos a historia horrenda.

§

Qual rio, que apoucado he no começo,

E que agoas recebendo engrossa a enchente,

Sem conhecido excesso

Foi aquella nascente;

Mas dos evos o curso atravessando

Foi depois teos dominios alagando.

§

Desde então a epidemica influencia

Despio de tuas arvores a coma,

A rica florescencia,

O recendente aroma

O sombrio contagio recebêrão,

E sobre o descampado esmorecêrão.

§

Enthronisou-se a sordida ignorancia
Regendo por systema a plebe rude;
Com tumída arrogancia
Foi calcada a Virtude,
Morta a Verdade, oh misera cegueira!
Dos vicios torpes pela mão grosseira.

§

Expulsa dos thuricremos altares
Eis jaz, que sacrilegio! a Sapiencia
Manda dos turvos ares
Teos raios sem clemencia
Deos do trovão. = Castiga furibundo
O Crime, = e da Oppressão resgata o mundo.

§

Nobre filha dos ceos, de etherea flama
Só golpe abrasador póde vingar-te,
De balde iras derrama
Embravecido Marte,
Não justifica a sanguinosa guerra
A causa do Infinito sobre a terra.

§

Eis decifrados, Lysia, esses arcanos,
Que futuros desastres te esconderão,
Que barbaros tyrannos
No seio teu poserão,
Quando a superstição, e o fanatismo
Te deo de jugo extranho ao despotismo.

§

Ah! que cego o juizo, a presciencia,
E vãas as concepções da mente humana!

Da divinal Essencia

A força soberana

Por incognita acção, por modos varios,
Da mesma causa effeitos traz contrarios.

§

Foi de hum celeste espirito movido
Que o teu primeiro rei pio, e valente

Té deo, Lysia, subido

Imperio florecente,

Que as Artes, as Sciencias sublimarão
E aos fins do mundo o teu poder levarão.

§

Foi de hum celeste espirito guiado,
Que outro rei joven, valeroso, e pio

Em trevas sepultado

Deixou teu poderio

Pelo fracasso da gentil façanha,
Que te fez ser captiva em terra estranha.

§

Oh sorte accerba! = As Ottomanas Luas

Da Cruz o resplendor quasi eclipsarão,

Do seu primor já nuas

Do Tejo á foz rojarão

As Sanctas Quinas, o Sagrado Imperio
Preso em duros grilhões com vituperio!

B

§

Do clima a robustez, nos patrios montes
Nutrida a Liberdade, á luz mostrára
De extranhos horisontes
Tua ousadia rara,
Que abrindo os mares, contrastando os ventos
Luctou, e a acção venceu dos elementos.

§

Mas que póde o valor, a força, o brio
No regaço da esplendida molleza?
Algema-se o alvedrio
Na sumptuosa meza.
Corrompe o mimo as carnes, e a Preguiça
Gera os funestos males da Cubiça.

§

Sobre os molles sofás, e em fofos leitos
Se nutre a aristocratica arrogancia;
Perdem honrados peitos
A impavida constancia,
E o que era á pouco rígida virtude
Se converte depressa em vicio rude.

§

Assim do tronco de teos reis primeiros
Tu derivaste Heroica Magestade;
Do Occidente os luseiros,
Da Aurora a claridade
C'o nitido esplendor do meio dia
Teve por timbre a Lusa Monarchia.

§

Tamanha luz talvez não visse o mundo
The alli brotar de tão pequeno espaço!
Teve leis o Profundo
Então do Luso braço,
E os astros o poder reconhecêrão
Regedor dos baixéis, que o mar fendêrão.

§

Vio ligar-se por elle em prisões de ouro
Nos laços do commercio a sociedade;
E deste grão thesouro
Lusio prospera a idade,
Em quanto se vio n'hum, e outro hemispherio
Ser puro o sacerdocio, e justo o imperio.

§

Mas quando o luxo corruptor, qual verme,
Que da rosa envenena a formosura,
Minou o rico germe
Da heroicidade pura,
Louros do antigo lustre então murchárão,
E o Ceo de Lysia sombras más toldárão.

§

Ceos! De negro pavor se enlucta a mente
Vendo cahir sem fructo em solo alheio
A firme, a obediente
Lealdade, que arreio
Obteve sempre de laureis virentes;
Victima agora de inhumanas gentes.

§

Coragem sem prudencia o Ceo reprova
Quando em sanctas empresas se mistura ;
He mais disto huma prova
Aquella desventura,
A força natural já cega obrava ,
Que muito que ficasse leza , e escrava.

§

Lysia , daqui teos dias decorrêrão
De lucto amargo , e captiveiro rude ;
D'então sua luz perdêrão
O Merito , a Virtude ;
E tu no desalento , e na orfandade
Cahiste ás mãos de alheia Potestade.

§

Bem como o viajante , que perdido
No horror da noite inerme erra em deserto
De loubos perseguido ,
E he victima de certo
Da bruta fome , e carniceiros dentes ;
Tu foste a preza das intrusas gentes.

§

De teu Lustre vital já despojada
Sem rei , e sem os socios , que o seguirão ,
Tua hora malfadada
Viste chegar ; e virão
E e mais a mais os olhos teos com pranto
Vilmente espedaçado o régio manto.

§

Esses mesmos varões que a realza
Por feitos sublimados illustrarão,
Com pérfida baixeza
Os brios aviltarão,
Mas as Sciencias de pudor fugirão,
E as Musas lucto eterno então vestirão,

§

Preclaras Cinzas! Oh cantor da gloria,
(Fado tyranno quer que a dor repita
Este labéo da historia
Que átra lembrança excita)
Cinzas preclaras! Triste noite escura
Vos deixou sem lavor, sem sepultura.

§

Oh vergonha da patria! O heroe mais digno
Em talento, e saber famigerado
Que deste fim maligno
A salvára escutado,
Cahio victima infausta da penuria
Porque então já sciencia era alta injuria.

§

Porque o vil Genio da Cubiça avara
Do Merito ignorando a nobre essencia
Com desprezo tractára
Das Musas a excellencia;
E deixara estes climas na rudeza
= De huma austera, apagada, e vil tristeza. =

§

Sombra illustre , perdoa o desacato
Da Lusa ingratição ; na vida e morte
Soffreste indigno tracto
A's mãos da crua sorte ;
Mas contigo cahindo a patria tua
Pagou os males teos na dor commua.

§

Já dos tropheos antigos Lusitanos
Não resta mais que o teu sublime canto !
Quem cuidou que os humanos
Errar podessem tanto !
Que á Virtude , á Sciencia anteposessem
Delirios da ignorancia , que os perdessem !

§

Eis de nosso castigo a causa escura ,
Que os infortunios actuaes fomenta ;
Mas tu da etherea altura
Alma sublime , alenta
Dos patrios dotes a mortal fraqueza
E manda da Verdade a tocha aceza.

§

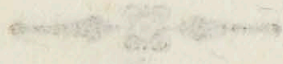
Tristes de nós , que em pego encapellado
Tentamos hir a porto , e salvamento
Sem piloto illustrado
Contra o raivoso vento !
Que parece nas ondas soçobrar-nos
E athé levar a esperanza de salvar-nos !

§

Que nos resta pois, Lysia, em taes extremos?
Do negro abismo da desgraça rude
 Salvar-nos só podemos
 Pelas mãos da virtude;
Ah! Se Ella, se o Saber nos não for guia,
Não tornamos de certo á luz do dia.



Que nos resta pois, Iguais, em tres extremos?
 Do negro abismo da morte, tudo
 Salvar-nos se podemos
 Feliz mais da virado;
 Ah! Se Ella, se o Saber nos nao for guia,
 Não tornamos de certo a luz do dia.



J E R E M I A D A

O U

P R A N T O II.

*Facta est quasi vidua domina gentium, et
princeps provinciarum facta est sub tributo.*

Jeremias Cap. 1.º



§

Como lugubre estás! Como deserta!
Lysia, na foz do Tejo! Tu que vias
Das ondas pela incerta
Estrada, que regias,
Trazer-te os baixéis teos do orbe a riqueza,
Porque gemes assim de angustias preza?

§

Miserrima viuva em lucto envolta,
Que seu esteio o esposo chora extinto,
Que da faminta escolta
Seu placido recinto
De aguazis, ou ladrões vê salteado
Não soffre golpes de mais triste fado.

c

§

Quem na pena te iguala ! O régio manto ,
Que outrora te adornou , feito em pedaços ,
 Dos olhos teos o pranto ,
 Exangues já teos braços
Sem poder sustentar teu sceptro de ouro
Mostrão tua fraqueza , e teu desdouro.

§

Que triste já descendo a noite escura
Vem sobre os valles teos , sobre os teos montes !
 De pállida amargura
 O Sol teos horisontes
Tinge , e de ti desvia a claridade
Para deixar-te em triste soledade !

§

Sepultada em profunda lethargia ,
Dormir da morte o somno já figuras ;
 E o teu extremo dia
 De maculas escuras ,
De medonhos assombros carregado ,
Parece ao termo seu já ter chegado.

§

Dormes acaso ? Ou misera expirando
Tocas tu do desastre a meta dura ?
 Jazigo venerando
 Lugubre sepultura
Não tem silencio ; como o que rodêa
Toda esta solidão , que a noite afêa.

§

Tudo calado existe! He pausa tudo!
Só mocho carpidor pia a entrevallos.
Da Noite o pavor mudo
Aos convulsos abalos
Se agita da anciedade, e do tormento;
E a Dor tem as feições do acabamento.

§

Cantor das trevas, passaro agoureiro,
Eis se enche o teu pronostico estupendo!
O nosso fim certo
Estás tu predizendo
Nos tristes ais, nos lugubres lamentos,
Que envias ermo á região dos ventos.

§

Porém que tristes vozes se misturão
Naquelles echos, que annuncião pranto?
Os olhos ver procurão
A causa d'horror tanto;
Debalde. Pois penetre-se o retiro
Donde arremeça a Dor tanto suspiro.

§

Ceos! Vejo a escassa luz, que está por pouco,
Triste mãe, que o filhinho ao seio aperta,
E d'hum ar quasi louco,
De lagrimas coberta
A face, entre mil ais, que aos Ceos envia,
Dizendo está nas garras d'agonia.

§

Ai! Triste filho! Criatura amada,
Já mal posso suster-te. = Em vão te choro,
 Em hora foi minguada,
 Que o maternal decoro
Profanos olhos macular quizerão,
E com perverso ardil meu mal fizeram.

§

Impio ministro, porque a seos furores
Não prostrei do consorcio a dignidade
 Da vingança os horrores,
 Da fraude a atrocidade
Contra mim forja irado; e quer que eu morra,
Teu pae lançando em funebre masmorra.

§

Sem Lei, porque as Leis patrias falecêrão
Pela intrusão da perfida ousadia,
 Sem foros, que obtiverão
 Dom de maior valia,
Se a Justiça tivesse o regimento,
Sou preza infausta d'hum poder violento!

§

Deste quadro de lucto, e dor fugindo,
A Musa as azas bate, os olhos feixa;
 E ainda vendo, ouvindo
 A magoa, a triste queixa,
Na mente a dor mil vezes multiplica,
E a pintura completa inda não fica.

§

A verdade porém forte bradando
Commanda os traços, que ao pincel se offertão.
Seos brados escutando
Os humanos despertão
Do somno inerte, e da molleza ignava,
Onde a cega ignorancia os sepultava.

§

Tu conheceste, Lysia, os seos accentos;
Mas por fatal insania os regeitaste,
Quando o furor dos ventos
Impavida affrontaste;
E subjugando o rigido tridente
Abriste as ricas portas do Oriente.

§

Do purpureo rubi, verde esmeralda
Cega ao fulgor a tua fanthesia
Se enfurece, se escalda;
O Fanatismo a guia,
E no fogo do Ceo crendo-se acceza
Ataca, e rompe as leis da Natureza.

§

Ambição de valor prodigios obra,
Se hum furor sancto sobre tudo a exalta.
A furia se redobra,
Quando a coragem falta
Nas acções dos mortaes, que se exercitão
Por alcançar o bem, que avidos fitão.

§

Mas oh castigo justo! Oh Lei severa!
Da humana condição! = Dos bens ganhados
O excesso degenera
Em males prolongados,
E corrompendo da moral a essencia;
Dos commodos a par cresce a Indolencia.

§

Valor sem exercicio esfria, ou morre;
E em pintados salões absorta a mente
Exacta não discorre,
Se dorme he vagamente.
Nos aureos leitos sonhos são perjuros,
E jaz o Pezadello em grilhões duros.

§

Só teos sonhos verdade, oh Lysia, fallão,
Dormes no lucto, para o lucto acordas.
As ancias, que te ralão,
Passado, que recordas,
Os presentes cuidados, que te hospedão,
Sem secar o teu pranto a dor te azedão.

§

Não tens de realidade outra existencia,
Que o mal não prove, ou mostre a desventura,
Affez-te a paciencia
Ao vão da sepultura;
E já não luz, oh dor! Tua energia
C'o mesmo resplendor, com que luzia.

§

Porém, que Ser na escala dos viventes
Por mais que dure, attinge a eternidade?
Sem vícios mesmo urgentes
Finda a mortal idade;
E sem Leis, ou com Leis, com que se educação,
Os homens, e as nações também caducão.

§

He d'huns, e d'outras sempre longa a infancia,
Quando a cultura lhes não rege os passos,
A risonha abundancia
Não vem de infantís braços;
Nem a vantagem d'huma idade adulta
Toca abjecta nação grosseira, inculta.

§

Com tudo he doce, e tem proveito a vida,
Quando se vive a par da natureza,
Quando he bem percebida
Da verdade a belleza;
E dos mundos se vê na economia
Das leis eternas a sabedoria.

§

Mas da terra, e dos Ceos rôto, ou sustado
O só commercio, que os mortaes segura,
Do bem, do mal herdado
He sempre a idéa escura.
Não tem sceptro justiça, as leis valia,
He tudo confusão, tudo anarchia.

§

Tal foi tua sorte , oh Lysia. Assim passarão
As tuas noites , e amargosos dias ,
Quando te escravisarão
Do fado as tyrannias ,
Quando se abriu o lugubre tecido
Das longas vexações , que tens soffrido.

§

Do jugo extranho os desabridos ferros
Por tres idades sobre ti pezarão ,
Nutrindo antigos erros
Elles mais se engrossarão ;
E á foz do Tejo exangue , e semiviva
De senhora passaste a ser captiva.

§

Vós filhos de Israel , do Nilo ás bordas
Da vossa escravidão o horror sentistes ,
Mas das extranhas hordas
Ao furor evadistes ;
Atraz deixando as horridas cadêas
Salvos além das ondas Erithreas.

§

Nosso mal foi maior , pois suportámos
Tyranna escravidão nos patrios lares ;
E livres não ficámos
De horrificos azares.
Aos nossos infortunios comparado
Da Isreilitica gente he doce o fado.

§

Lysia, dos teos destinos a amargura
Tãobem da tua inercia se deriva
 Subiste á mór altura
 Em quanto foste activa;
Mas teos laureis soberbos se eclipsárão,
Depois que outras nações sem ti medrárão.

§

Tu da grandeza antiga decahindo,
Que os teos nobres varões principiárão
 Despiste o garbo lindo
 Das telas, que te ornárão;
E convertendo em merito a Ignorancia
Nutriste a clerical preponderancia.

§

O Cidadão honrado, e virtuoso
De premio despojado, ou perseguido
 Por impio, ou criminoso
 Da patria foi banido;
E depois que só vicios se pagarão,
Os teos uteis progressos se atrazarão.

§

Perdida até memoria d'esses feitos,
Que entre as outras nações te destinguírão,
 Teos mizeros sujeitos
 Attonitos não vírão
Mais que o clarão d'estupida riqueza
Ganhada sem trabalho, ou com baixeza.

D

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

§

Esse mesmo esplendor de teos maiores
Offuscado nas mãos da ociosidade,
Os publicos suores,
Do Solio a magestade,
Não mais adorna. = Já sem brilho existe
D'huma vã pompa no phantasma triste.

§

N'hum mar de escolhos, que atormenta agita,
Tem pequeno baixel naufragio certo,
Se o vento o precepita
No error de rumo incerto
Sem leme, sem governo, e sem piloto
Thé dar nas penhas o costado roto.

§

Tal exigua nação, que dependente
Fez da ignorancia a tabida fraqueza,
De extranha, avara gente
He sempre triste preza,
De amigos orpha, e dos que tinha rica
Em fado adverso abandonada fica.

§

Mas que serve avivar-te os negros quadros?
Que augmentão tua dor, se não melhoras?
Se os erros teos passados
Inda extinctos não choras?
Ah! Se ás mãos da Verdade não te entregas,
De perdição sem termo ao fundo chegas.

J E R E M I A D A

O U

P R A N T O I I I .

*Prophetæ tui viderunt
sibi falsa, & stulta.*

Jeremias Cap. 11.



§

SÓLTA a madeixa, e continúa o pranto,
Oh Musa da Elegia. Tu que déste
Ao vate sacrosancto
O raro dom celeste
De romper do futuro átros negrumes,
Dá-me a causa sondar dos meos queixumes.

§

Não se estancou das lagrimas a fonte,
Que de olhos tristes inda a mágoa brota,
Troa de monte em monte
A voz inda não rota
Das tempestades, que este Ceo cobrirão,
E os ais resoão, que gemer se ouvirão.

D 2

Deixa romper-me a pavorosa estancia
Onde a Dor dá principio a seos lamentos,
Do susto a mortal ancia,
D'agonia os tormentos
Quero traçar nos meos paneis de lucto,
Porque rosto gentil não fique enxuto.

§

Chamando em teu soccorro a sympathia
Ver busco, oh Lysia, se o teu mal adoço,
Da borrasca sombria
O eminente destroço
Oxalá de teos campos se retire,
E a negra vista do Desastre tire!

§

Que servem louros do valor ganhados,
Tropheos briosos, inclytas victorias?
Se os fructos malogrados
São das extinctas glorias,
Que outrora bellas sobre ti raiarão,
Mas que mui cedo pallidas murcharão.

§

Cumpre dos males teos o berço antigo
Patentear nas scenas do passado;
E sondar o jazigo
Alli já começado,
Onde os teos dotes naturaes cahirão,
E os viçosos laureis, que em ti luzirão.

§

Ignorancia ! Oh dezar da humana raça !
O christianismo das primeiras eras ,
 Que os grilhões despedaça
 De antigas leis severas ,
Por não ser sabiamente interpetrado
Foi com barbaros ritos misturado.

§

Teve aras a despotica indolencia ,
Merito foi sacerdotal rudeza ,
 Dos vicios a insolencia
 Foi tida por grandeza ;
E de erros capitaes por longa idade
Foi Lysia , tambem , victima a Verdade.

§

Debaixo intanto de melhor auspicio
Começou de teu sceptro a monarchia ;
 E dando nobre indicio
 De si , raiar se via ;
Porque inda então por timbre a Intolerancia
Não tinha em suas armas a ignorancia.

§

Do zelo insano as labaredas fortes ,
Que na Europa , que na Asia se ateirão ,
 Com desabridas mortes
 Estupidas deixarão
As almas fracas dos mortaes ineptos
Pelos assaltos do Terror secretos.

§

Desmaiou teu valor , e a nobre audacia ,
Que a Liberdade do nativo solo
Manteve na efficacia ;
Com lucrativo dolo
A estupidez trajando hum véo falsario
Reinou das leis no mesmo sanctuario.

§

O puro culto profanou do templo
De ignaro sacerdocio a hypocresia ;
E da Piedade o exemplo
Perdeo toda a valia
Depois que foi , da venda ás mãos trocado ,
O premio da Virtude aos vicios dado.

§

Das aras huma vez prostituido
O sagrado esplendor , das leis humanas
He logo corrompido
O jus por mãos tyrannas ;
E cedo estraga os puros dons do imperio
Do altar corrupto o sancto ministerio.

§

Se os antigos foraes , que consagrára
O throno a gratidão por beneficios ,
Que dos Ceos alcançára ,
Se não tornassem vicios
De servil feudo , de grosseiras eras ,
Talvez , que intacta , Lysia , inda estiveras !

§

O contagio sagrado he mais terrivel,
Que os outros males, que os mortaes empestão,
Pois no escudo invesivel,
Nas armas, que lhe emprestão
Almo vigor, se envolve, e fortalece,
E as almas prostra, que alentar parece.

§

D'este principio rebentou funesto
Do clero a systematica ignorancia,
Que olhando com ar mesto
A infatigavel ancia
Do saber, que cobríra de improperios,
Da Natura nas leis só vio mysterios.

§

Sem se atrever aos Ceos alçar a frente,
E contemplar do Eterno as maravilhas,
Com soberba insolente
Tractou do Ceo as filhas
Altas sciencias, que a virtude aclarão,
E a estrada occulta para o bem preparão.

§

Pervertida no berço a moral pura
Não deixou ver o trilho verdadeiro
Da social ventura;
No rude captiveiro
A mente despenhada de erro em erro
Teve agros dias, seculos de ferro.

§

Nas trevas da ignorancia submergido
O caminho da esplendida Verdade
 Conduzio mal seguido
 Do erro á escuridade,
Onde se vio ser torpe a sãa Virtude,
E pareceo só bello o vicio rude.

§

Degenerado o coração d'esta arte
Da escravidão mental gemeo nos ferros;
 D'aqui o imperio parte
 D'esses sombrios erros,
Que em tua esphera, oh Lysia, se espalhárão,
E teos males sem fim principiárão.

§

A' custa do suor da pobre gente
Viste engordar-se a estúpida soberba,
 Do Fanatismo ardente
 Trajar a furia acerba
Vestes pontificaes por benções dando
Ao povo as pragas de hum poder nefando.

§

Viste passar, que horror! do templo ao throno
(Jaz de ambos muito perto a potestade,)
 O misero abandono,
 A ferrea authoridade,
Com que das leis infecta a primazia
O contagio reciproco fazia.

§

Inerte logo a força do governo
Para impor de excellencias, que perdêra,
O seu poder externo
Tornado já chymera
De phantasticas sombras revestia,
E a cada instante o seu vigor perdia.

§

Teve só bens Privança. A integridade
Sem jus, sem protecção cahio vil preza
D'atroz venalidade,
Da pérfida avareza.
Poude mais, que a justiça, o preço do ouro,
E comprou a belleza o metal louro.

§

Morta a fé conjugal, morta a ternura
Nos mesmos peitos, que o consorcio liga
He riso de impostura
Esse, que se desliga
De falsos labios, que desfranse o engano,
E nos véos d'amizade encobre o damno.

§

Rudes tribulações, penas severas
Tiveste, oh Lysia, pela dor trazidas,
Que as Phillipicas eras
Te derão desabridas,
Que não só teu sacrario expoliarão,
Mas sem voz, sem sustento te deixarão.

E

§

He verdade, que os louros, que nascêrão
Sobre os campos de Ourique, os do Salado
De novo á luz trouxerão;
Mas seu verdor passado
Não recobrando o resplendor primeiro.
Não brotarão c'ò pristino luzeiro.

§

Occulto interno Verme havia extincto
A vivar seiva d'arvore robusta,
Que no solo distincto
Deo fructo, e flor venusta,
Do tronco antigo as folhas se murcharão,
E só pimpolhos ao redor ficarão.

§

Sim, resurgiste, Lysia, do profundo
Em que foste submersa; mas vieste
De novo á luz do mundo
Sem teu garbo celeste;
Pois trazias em vez do antigo brio
Estrangeiro donaire, outro atavio.

§

A innata força, e ingenito ardimento,
De novo no teu seio borbuhárão;
Do teu Marte cruento
Os raios fuzilárão,
Mas a mão valerosa, que os regia,
Já do veneno interno a acção sentia.

§

Não céssô de chora-lo , e repeti-lo ,
Foi , Lysia , esse contagio sacrosancto ,
 Que abrio por novo estilo
 Os mananciaes do pranto ,
Que teos olhos tristissimos vertêrão
Sobre impios fados , que teu mal trouxerão.

§

Viste em vão florear da renascida
Prole d'esses heroes teos ascendentes
 A força conhecida ,
 Os teos laureis virentes
Como outrora os seos ramos alastrárão ,
Mas as raizes sem vigor ficarão.

§

Deixemos as ficções da allegoria ,
E soe franco o accento da Verdade ,
 Depois que a Hypocresia ,
 E sacra Ociosidade
Pousárão , Lysia , no teu berço augusto ,
Fraquejou logo o braço teu robusto.

§

Teos dias de ventura se eclypsárão ,
Como sol , que se envolve em sombra escura ;
 Saude te autorgárão
 De muito pouca dura ,
Pois já com mão tocava inerte , e fria
Teos frouxos membros a paralyisia.

§

Da tabida molestia, do marasmo
Quem te hade pois curar? = Quem teos delirios
Hade apagar, e o orgasmo,
Que fez os teos martyrios?
Quem suffocar os males, que supportas,
Tendo dentro a infecção, e o imigo ás portas?

§

Quem? eu to digo... attende a meos accentos,
Que teu remedio soberano expressão,
Os ramos corpulentos
De tenros se começam
A dobrar pela mão, que os assignala;
Pois grosso tronco não se dobra, estala.

§

Assim só de flexivel tenro infante
A vária condição se enfrea, ou solta,
E não vai por diante
Indole a mais revolta;
Pois quando tem paixões firmado o imperio
He do Ensino baldado o ministerio.

§

Se não se affeiçoar dos verdes annos
A's lidas mocidade, e aos patrios lares,
Preza d'impios enganos,
De incognitos azares,
Ou cahe na perdição, para que tende,
Ou rude os laços sociaes offende.

§

Se queres, Lysia, pois mudar de sorte,
Cria instituições, que a juventude
Costumem cedo ao porte
Da rigida virtude,
Que o rico dom da Bemaventurança
Sem a propria fadiga não se alcança.

§

Teos estudos reforma, e teos empregos,
Que athe aqui tem guiado a Insipiencia,
Veirão os mesmos cegos
A' luz da Sapiencia,
Que não convém a hum solo temperado
A acção de hum clima ardente, onde hum gelado.

§

Cultiva os vales teos, e os teos outeiros;
E não dez de teos montes á rudeza
Africanos obreiros,
Asiatica molleza.
Teu genio sonda, teu terreno espreita,
E teu moral, teu physico endireita.

§

Das cahidas nações recorda a historia,
E nenhuma verás ao lustre erguida
Da sua antiga gloria.
Do principio da vida
O termo seu depende; e differente
He do velho, e menino o adolescente.



Se não destroes com sã philosophia
Os abusos da cega authoridade;
Cahindo em lethargia
Hirás de idade em idade,
E hade tornar-te abatimento escuro
Vituperio presente, e horror futuro.



J E R E M I A D A

O U

P R A N T O IV.

Faculdade de Filosofia

Ciências e Letras

Biblioteca Central

*Quid est, quod dilectus meus in
domo mea fecit scelera multa?*

Jeremias Cap. 11.



§

Do povo de Sião cumprio-se a sorte
No horror do captiveiro, e do exterminio;
E não foi menos forte
Dos Fados o dominio
Comtigo, oh Lysia, quando o feio estrago
Feroz te urdio da tyrannia o Drago.

§

Esse monstro infernal surgindo ao dia
Do tronco de teos reis sempre lustroso
Fez com torpe enxertia
O ramo venenoso
Brotar, a cuja sombra malfaseja
Insidias, e traições fomenta a Inveja.

No vão da systematica ignorancia,
Dos homens contra o juz conspiradora,
Nutrio-se com jactancia
A Furia assoladora
Do Fanatismo, author da civil guerra,
Que em seos delirios disse aos reis da terra.

§

» Os povos pugão já por seos direitos;
» Cumpre opprimi-los, e engrossar-lhes ferros,
» Da Liberdade effeitos
» De audaz pensar são erros
» Esses projectos, que a Razão lhes dicta,
» E que a punir a Força nos incita.

§

Lysia, deste dictado a consequencia
São desastres fataes, que hoje te afligem!
Com rígida violencia
Do Fanatismo origem
Teos filhos infieis se amotinárão,
Quando a força illegitima abraçárão.

§

D'algemas nacionaes, civicas guerras
Quem soffreo, como tu, peso tão duro?
Em que barbaras terras,
Sobre que povo obscuro
Cahio jámais tão horrído flagello?
Quem pode tolera-lo, ou merece-lo?

§

Lysia, oh dor! Que ignominia supportámos!
Inda os roxos vergões temos nos pulsos
 Dos ferros que arrastámos,
 Nossos membros convulsos
Ao mais pequeno abalo inda estremecem,
E vozes de praser thé nos falecem.

§

Ceo! Mais d'hum lustro no pavor gememos
De fetidas prizões! Nas enxovias
 Do Crime a par tivemos
 Com luctuosos dias
Horridas noites, cujas feias cores
Confundião no escuro as nossas dores.

§

Mal que chegou do Istro á fóz do Tejo,
O Governo fatal do Absolutismo
 Com sordido despejo
 Calcou o Despotismo
A Lei, que a Liberdade affiançava,
E tornou a nação de Livre escrava.

§

Dos guerreiros da patria defensores
Começou a esbulhar-se a flor mais bella,
 De vis adultores
 A indigna corruptella
Veio tomar do brio a precedencia,
E soffucou a voz da Independencia.

§

Do corpo nacional Legislativo
Foi debandada a inclyta assembléa
Ao grito vexativo
Da caterva plebea,
Que os seos illustres membros apupava
Comprada pelo Arbitrio, que a mandava.

§

Já do Poder supremo revestida,
A cega Prepotencia usurpadora
De recoa fementida
Fez pela voz traidora
Proclamar sobre as leis a magestade,
Da nação sorprendendo a liberdade.

§

Do atroz systema por decreto duro
Depressa illustres victimas tingirão,
O cadafalso impuro
C'o sangue, que asparzirão,
E ás mãos forão do algoz decapitados
Cidadãos probos, dignos magistrados.

§

Riqueza, Sapiencia, Integridade,
Quaes crimes com furor se perseguirão,
Manchando a humanidade
Os vicios assumirão,
A rude tempra do grosseiro imperio,
Que tomava a razão por vituperio.

§

As virtudes, que gera o patriotismo
Suspeitas ao Governo se tornarão,
E ás mãos do terrorismo
Nas prizões acabárão ;
Ou fugirão da patria perseguidas
Levando a sólo alheio infaustas vidas.

§

Repremido o valor, surpreso o brio
Dos que na patria ferros arrastárão,
De lagrimas em fio
Torrentes inundárão,
Os leitos conjugaes, e de amargura
Manchou-se o doce pranto da ternura.

§

Da porta em qualquer hora ás aldrabadas,
O domestico azilo estremecia ;
Das subitas pancadas
Com sobresalto ouvia
A Incerteza o bater, e a Segurança
Nunca os alivios tinha da esperança.

§

Em casa já não mais seguro abrigo
Da morbosa Velhice, e da Innocencia,
Constante era o perigo ;
E na rua a Insolencia
D'herculea massa turba vil armava,
Que desarmados cidadãos prostrava.

§

Passada a authoridade ás mãos cruentas
Do partido feroz , que defendião
As armas fraudolentas
Das forças , que região ,
Era calumnia vil quem réos traçava ,
E o Crime o sceptro da Justiça alçava.

§

Fome , nudez , miseria , aviltamento ,
Forão os fructos do Governo intruso ,
E o seu poder violento
Seguiu das armas o uso ,
Que o Roubo vil , o Assassinato emprega
Por contentar o ardor de ambição cega.

§

Reinava no seu auge a Tyrannia
Produzindo a geral calamidade ,
A vexação crescia
No campo , e na cidade ,
Onde não tinha abrigo o patriota ,
Se o não munia de estrangeiro a nota.

§

Oh triste condição. Que infausta sorte !
Valer menos , que estranho em terra sua ,
Inda he peor que a morte ,
Que ninguem exceptua
Da lei geral , que abrange a humanidade ,
E os seos só fere iniqua Potestade.

§

E tal reinado insano sacerdocio
Prepunha aos povos como bello imperio,
E não ficava no ocio
O falso ministerio
Com que a Mentira as áras prevertendo
Prigáva o culto do Tyranno horrendo.

§

Oh blasphemia! Oh furor de atrocidade!
Quem jámais escutou tanta insolencia!
Em que clima, em que idade
Disse a humana Demencia
Perante o sacro altar? = Não he mais puro
Deos, que o rei, que usurpou, que foi perjuro.

§

Tu o escutaste, oh Lysia. Foi no templo,
Que estes horrores resoar se ouvirão.
Surgio d'alli o exemplo,
Que as multidões seguirão
Do atroz delicto, do attentado feio,
Que lacerar tuas entranhas veio.

§

Lavrou depressa da facção corrupta,
O espirito subtil, que a rebeldia
Soprou com força astuta;
E ás mãos da hypocresia
Quebrando os nós da fraternal concordia,
Fez o fogo brotar de impia discordia.

§

Que furia , oh cidadãos , que fanatismo
Vos leva a derramar patricio sangue !
 Não foi do patriotismo
 Prostrado o collo exangue ?
Vossas familias não sofrêrão córtes ,
Latrocinios , prisões , desterro , e mortes ?

§

Porque augmentaes o escandalo execravel
De vossa obstinação ? = Que indocil erro !
 Póde benigno , amavel ,
 O jugo ser de ferro ,
Que vos maltracta , rouba , e vos esfola ,
E a vossa essencia , e geração desola ?

§

Deliraes ? = Ou furor vos alucina ?
Que cegueira fatal vos accomette ?
 Não vedes a ruina
 Que soffrer vos compete
No meio das nações , que aborrecidas
Olhando estão vossas cruentas lidas ?

§

Basta , basta de horror. Dos Ceos tu chama
Lysia , a paz bemfaseja , a paz dourada ,
 Busca extinguir a flama
 Com furor levantada
Da civil guerra , que em teu seio atija ,
A sordida ambição com vil cubija .

§

Invoca a mão da heroica Magestade,
Que o patrio juz legitima restaura;
E a antiga liberdade
Com lustre novo instaure
Nas leis fundamentaes da monarchia,
Que houve dos Ceos por base a Jerarchia.

§

Do teu libertador n'alma sublime
Deseança. = D'elle a paz, e a dita espera.
Sem seu horror ao crime
Sem a fé, que venera,
Sem as virtudes, que do peito adora,
Povo bem que fiel não se melhora.

§

O e a voz da nação, Lysia, sim d'ella
Ou os órgãos leaes não corrompidos,
De avisos te acautella,
De engenhos presumidos,
Que a sciencia antepoendo á proibidade
Pervertem mesmo as vozes da Verdade.

§

Lysia, tua reforma já se encerra
Do rei no peito, que o teu bem medita,
Contra os vicios com guerra,
São teos contrarios, grita,
Quebrados vês debalde indignos ferros,
Se do altar, se do throno approvas erros.

§

Converte-te á razão. = Nos seos delirios
Não sigas a Vaidade, que te illude,
Faz dignos só martyrios
A causa da Virtude,
E naufraga nação, qual baixel roto;
Salva he só pelas mãos de habil piloto.

§

Tal ser deve sómente, o que instruido
Nas lições mais sublimes da Verdade,
Pela Virtude erguido
Domou a Adversidade.
D'hum justo sceptro ornato he tal vassallo,
Ditoso o rei, que póde conservallo.

§

Lysia, dos males teos lembrando a historia
Exaltarás tropheos, que o Ceo te ha dado,
He doce pela Gloria,
O pranto derramado,
E por elle o Valor, e a Sapiencia
Farão mais firme o throno da Innocencia.

Faculdade de Filosofia

Ciências e Letras

Biblioteca Central

F I M.

